

Morte e religiosidade no Egito Antigo: uma análise do *Livro dos Mortos*

Luana Neres de Sousa*
Bruna de Oliveira Santos**

Submetido em 08/2016
Aceito em 09/2016

RESUMO:

O estudo do conteúdo que compõe a literatura funerária egípcia antiga é fundamental na tentativa de compreender a religiosidade deste povo. O culto funerário foi o que mais deixou vestígios, permitindo que pesquisadores compreendam um pouco mais acerca desta civilização. O objetivo deste trabalho é analisar parte do conjunto de textos funerários que conhecemos atualmente como *Livro dos Mortos*, assim como a importância do deus Osíris para o falecido.

Palavras-chave: Egito Antigo, culto funerário, Osíris, Livro dos Mortos.

ABSTRACT:

The content study that compounds ancient Egyptian funerary literature is fundamental in the attempt to understand the religiousness of this people. The funerary cult was the one that left most of the traces that are left, allowing researchers to understand more about this civilization. The objective of this work is to analyse part of the collection of funerary texts currently know as *Book of the Dead*, such as the importance of the god Osiris for the deceased one.

Key-words: Ancient Egypt, funerary cult, Osiris, Book of the Dead.

* Doutora em História Antiga pela Universidade Federal de Goiás. Contato: neresluana@gmail.com

** Graduada em História pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Contato: bruna.deoliveirasantos2012@gmail.com

A morte e o culto funerário no Egito Antigo

Desde a Antiguidade, os egípcios são conhecidos por sua religiosidade. No decorrer de mais de três mil anos, eles desenvolveram um complexo sistema de crenças e ritos que surpreende até os dias atuais. O panteão egípcio apresenta uma grande variedade de deuses, que são representados de inúmeras formas, alguns sendo definidos pelos mitos, outros pela localização geográfica ou pelos atributos que lhes são concedidos.

Rosalie David (2011, p.80) ressalta que as primeiras evidências acerca da religião egípcia são ainda mais fragmentadas, sendo, por conseguinte, mais difíceis de interpretar. Porém, de acordo com esta autora, o egiptólogo suíço Gustave Jéquier (1897-1902) sugere que o mais primitivo estágio das práticas religiosas deste povo foi o fetichismo¹. Jéquier argumenta ainda que a zoolatria² foi o segundo estágio no desenvolvimento da religião egípcia, e que isso foi seguido pelo antropomorfismo³ (DAVID, 2011, p.80). Para os antigos egípcios, tudo era explicado com base nas ações e intervenções dos deuses no Universo, em todos os âmbitos da vida e da natureza.

Muito do que sabemos hoje sobre essa antiga sociedade deve-se aos vestígios deixados pelos cultos funerários praticados pelos egípcios, que de uma forma ou de outra impregnava praticamente todas as esferas da vida do indivíduo. A preservação dos artefatos funerários ocorreu devido às condições climáticas do Egito, pois as tumbas foram construídas na região desértica, fora da área inundada pelo Nilo. Vale lembrar que o clima quente e seco do Alto Egito favoreceu a conservação dos artefatos, mais do que na região do Delta, por ser esta mais úmida. Tais objetos relacionados com este tipo de culto consistem em múmias, sarcófagos, estatuetas funerárias, amuletos, textos fúnebres, entre inúmeras outras coisas encontradas nas tumbas e que sempre tinham um importante significado para quem nelas fossem sepultados.

Sendo a morte inevitável aos humanos, vale observar também a necessidade de entendermos a concepção egípcia de ser humano. Segundo José das Candeias Sales: “Os egípcios concebiam o homem como a combinação de vários elementos materiais e espirituais, mortais e/ou imortais, alguns mais ou menos independentes da matéria”

¹ Culto de objetos que representam entidades espirituais.

² Veneração de deuses sob forma animal.

³ Adoração de deuses com aspecto humano.

(SALES, 1999, pp. 52-53). Sales nos esclarece como os egípcios entendiam dois desses principais elementos da concepção funerária egípcia, o *ba* e o *ka*:

O *ba* era representado por uma espécie de cegonha, o jabiru, ou, tal como o seu hieróglifo denota, a partir da XVIII dinastia, por um pássaro com cabeça humana (o rosto do defunto) sobrevoando a área do túmulo para visitar o corpo do morto justificado. A concepção do *ka*, ou *força vital*, reflexo imaterial e imortal do corpo ou gênio protetor, era muito antiga. Segundo esta, o *ka* nascia com o homem, fazendo parte da sua personalidade e do seu ser, seguindo-o sempre, qual duplo, para toda a parte. Com a morte do homem, [...] o *ka* não morria necessariamente: podia sobreviver no túmulo, por isso chamado *Casa do ka*, se para tanto pudesse contar com o corpo devidamente conservado. Dotado, por isso, de imortalidade, assegurava ao defunto a força necessária para a vida no Além. Também a *alma*, o *ba*, continuava a necessitar do corpo para subsistir. Uma vez destruído o corpo, o *ba* morria infalível e irremediavelmente. A sua futura autonomia dependia, assim, do corpo (SALES, 1999, p.53).

Para que o corpo do falecido não se deteriorasse, os egípcios adotaram uma série de costumes funerários relevantes como a mumificação, pois estes elementos supracitados necessitavam de um suporte material para continuar a existir. O defunto era enterrado com outros artefatos (como estatuetas, por exemplo) que serviriam de suporte ao *ka* e ao *ba* caso o corpo se deteriorasse.

Para o antigo egípcio, a morte era um momento da existência. Os vários artefatos e as inscrições encontradas nas tumbas permitiram essas interpretações que fazemos hoje acerca das crenças egípcias em relação à morte. Eram várias as possibilidades da continuação da existência após a morte, mas entre essas se destacam a crença em um destino solar (devido ao renascimento cíclico do Sol, destino este relacionado ao deus Rá) e a ressurreição conforme o modelo osiriano (vida eterna no Reino de Osíris).

Osíris era a principal divindade funerária do Egito Antigo. Conforme o mito, ele foi o primeiro faraó e também aquele que levou a civilização para os egípcios. Poderá ter sido uma personagem histórica que depois foi divinizada, quiçá um rei de tempos remotos que ficaria como exemplo de governante bom e generoso (ARAÚJO, 2005, p.124). Era uma divindade adorada tanto pelo povo quanto pelos membros das camadas mais altas da sociedade. Até mesmo porque ele não estava presente apenas nos ritos fúnebres, mas também nos rituais de coroação dos reis, uma vez que o faraó era considerado a reencarnação de seu filho póstumo, Hórus.

Ter conhecimento acerca dos mitos osirianos é bastante relevante para que possamos compreender sua relação com o culto funerário. De acordo com uma das

versões do mito, Osíris era rei no Egito, mas seu irmão Seth o invejava e organizou meios de tomar seu trono. Mandou confeccionar uma caixa com as medidas de Osíris e fez um banquete, convidando o irmão. Outros convidados entraram na caixa, mas ela não os servia. Quando Osíris entrou nela, coube perfeitamente, foi quando Seth e seus comparsas a fecharam e jogaram no Nilo. A correnteza o levou à Fenícia, mas Ísis encontrou o corpo do marido em Biblos, levando-o de volta à sua terra. No entanto, Seth o descobre e, após esquartejar o corpo de Osíris, espalha os pedaços por todo o Egito. Desta vez, Ísis sai em busca do deus morto acompanhada de sua irmã Néftis, recuperando as partes de seu corpo (com exceção do falo) para depois mumificá-lo⁴. Ao fazer uso da magia, Ísis recupera o membro perdido de Osíris e o traz de volta à vida por tempo suficiente para que gerassem um filho, que é Hórus.

Infelizmente, não há narrativas completas deste mito nas fontes egípcias, apenas textos fragmentados. Dos pouquíssimos documentos que conhecemos, Araújo (2005) refere-se a uma estela de calcário feita para um funcionário da XVIII dinastia que contém o drama de Osíris (ARAÚJO, 2005, p.124). A nossa principal fonte consiste em uma narrativa elaborada em um período tardio, que foi produzida pelo escritor e filósofo grego Plutarco (46-119 d. C.). Intitulada *De Iside et Osiride* foi baseada provavelmente em versões egípcias anteriores.

Ainda no Antigo Reino aparecem identificações entre o faraó e Osíris, assim como já fica evidente a importância do seu mito (SALES, 1999, p.38). Nos interessa abordar neste trabalho principalmente os atributos que ele recebe como divindade relacionada a morte e a ressurreição. O deus é normalmente representado como deus antropomorfo e de aspecto mumiforme. Sua pele era algumas vezes representada como branca, indicando o enfaixamento das múmias, ou preta, a cor das deidades ctônicas ou da aluvião do Nilo, ou até mesmo verde, representando as cheias e a vegetação (WILKSON *apud* BIELESCH, 2010, p.101). Geralmente possui nas mãos o cajado e o açoite. Sua coroa característica é a coroa *atef*, a coroa branca ornada com duas plumas de avestruz. No decorrer de mais de três mil anos de culto, seria improvável que o deus não sofresse alterações com o passar do tempo. Na sua condição de Senhor do Mundo dos Mortos, por exemplo, percebemos que houve transformações nas concepções egípcias sobre o deus e sua função no mundo inferior, conforme argumenta David P. Silverman:

⁴ Segundo Luís Manuel de Araújo, em algumas versões do mito, Osíris fora o primeiro a ser mumificado (ARAÚJO, 2005, 126).

De acordo com as crenças mais antigas, Anúbis era claramente o regente do mundo inferior, porém Osíris, uma divindade associada ao Delta, à terra e à vegetação, acabou por superá-lo nessa função. Com Anúbis ficavam as responsabilidades e os rituais do embalsamamento, enquanto o novo deus se tornou o regente do âmbito dos mortos. As regalias reais e os títulos de Osíris evidenciavam a sua posição elevada. Uma vez estabelecido seu papel, Osíris manteve sua preeminência ao longo de toda a história do Egito (SILVERMAN, 2002, p.61).

Como vimos anteriormente, segundo o mito, foi o cadáver de Osíris o primeiro a ser mumificado. Esse rito que assegurava a conservação do corpo, permitindo a ressurreição e a vida eterna, deveria ser realizado nos demais mortos para que a esses fosse possível alcançar a imortalidade, assim como o deus havia conseguido. Por ser uma divindade do âmbito funerário, existem muitas referências ao deus nos textos do *Livro dos Mortos*. O falecido se identificava com o deus até mesmo acrescentando o nome de Osíris ao seu próprio nome.

Inicialmente, apenas o corpo do faraó era mumificado. Com o tempo, pessoas de outras camadas da sociedade que podiam pagar pela mumificação também desfrutavam desse rito, pois este transformou-se no primeiro passo para que o defunto pudesse alcançar a tão necessária imortalidade. Porém, as pessoas mais humildes “continuaram a ser enterradas em covas rasas no deserto, onde seus corpos eram naturalmente preservados” (DAVID, 2011, p.393).

Foi a crença de que era necessário conservar o corpo para garantir a vida eterna que levou os egípcios a desenvolverem esse elaborado método de embalsamamento, que é a mumificação. Ora, o corpo seria a morada do *ka* e do *ba* do indivíduo, elementos fundamentais na continuação da existência do morto no Além. Ao lermos a fórmula de número 154 do *Livro dos Mortos*, percebemos a preocupação do falecido com a preservação do seu cadáver através das súplicas que o indivíduo faz a Osíris, pedindo que o seu corpo fosse incorruptível assim como o do deus.

O Livro dos Mortos: origem e conteúdo

O estudo do conteúdo que compõe a literatura funerária egípcia é fundamental na tentativa de compreender a religiosidade deste povo. O culto funerário foi o que mais deixou vestígios permitindo que pesquisadores entendessem um pouco mais acerca da civilização egípcia. O conjunto de textos que conhecemos hoje como *Livro dos Mortos* auxiliava o morto nesta obscura jornada, ao fazer uso de suas fórmulas o defunto

tentava ser um justificado e entrar para o Reino de Osíris, conseguindo a tão desejada vida eterna.

As traduções do *Livro dos Mortos* utilizadas nesta pesquisa foram três: a de Ernest Alfred Thompson Wallis Budge (1898), a de Maria Helena Trindade Lopes (1991) e ainda uma pequena parte da tradução de Paul Barguet (1967).

O *Livro dos Mortos* trata-se de um conjunto de fórmulas mágicas que tinham como principal objetivo livrar o falecido das ameaças que este poderia enfrentar após a morte. Os textos são variados, contendo orações, hinos, prescrições. Quando feito em papiros, eram colocados junto com o falecido no sarcófago, garantindo o acesso do morto às fórmulas, extremamente necessárias no Mundo Inferior. O *Papiro de Nu*, que hoje faz parte do acervo do Museu Britânico, é a cópia conhecida mais antiga do livro e pertence a XVIII dinastia.

De acordo com Paul Barguet (1967, p.6), a obra é o mais antigo livro ilustrado do mundo. Sua importância se faz na religião egípcia no que se refere aos ritos fúnebres dessa civilização. Porém, o termo *Livro dos Mortos* sugere uma denominação já moderna. Foi o egiptólogo alemão Karl Richard Lepsius quem deu nome a esses conjuntos de textos funerários. Ele também foi o responsável por dividir pela primeira vez a obra em capítulos e enumerá-los (CÉSAR, 2009, p.64). Conforme ressalta Budge (1993), o título utilizado atualmente para designar essas obras é insatisfatório, não traduzindo o antigo título egípcio, que significaria *Capítulos do Sair à Luz* (BUDGE, 1993, p.13). A compilação trata-se do livro de encantamentos fúnebres mais conhecido pela sociedade do Novo Reino e o morto necessitava dele para garantir a sua ressurreição.

Esses escritos surgiram provavelmente ainda no Período Pré-dinástico, cujo conteúdo era transmitido de forma oral. A partir das V e VI dinastias passaram a ser escritas nas paredes das câmaras mortuárias das pirâmides. Devido a isso, esses escritos são chamados de *Textos das Pirâmides* e fazem parte da literatura religiosa mais antiga que se conhece, pois foram escritos em meados do III milênio a. C. (SALES, 1999, p.21). Nicolas Grimal (2012) destaca que a pirâmide de Unas foi a primeira a surgir com essas inscrições, sendo esses textos encontrados também nas pirâmides de Teti, Pepi I, Merenre, Pepi II e Aba, assim como nas tumbas de três rainhas de Pepi II: Neith, Ujebten e Apuit (GRIMAL, 2012, p.131). Vale ressaltar que no Antigo Reino apenas membros específicos da família real desfrutavam desse rito fúnebre. Os súditos

provavelmente acreditavam que sua vida no Além seria tão simples quanto a que levaram na terra.

No Médio Reino o uso de textos funerários já havia deixado de ser tão restrito quanto outrora. Além da realeza, a nobreza também passou a desfrutar de tal prática. Essa mudança se deveu também a expansão da popularidade de Osíris, que já não oferecia a vida eterna apenas à família real. Mas estes textos fúnebres do Médio Reino passaram a ser escritos nos sarcófagos, sendo denominados hoje de *Textos dos Sarcófagos*. Nesta época surge também outro conjunto de textos fúnebres que conhecemos hoje por *Livro dos Dois Caminhos*, mas que não ficou tão conhecido quanto outras inscrições funerárias. Esses dois conjuntos de textos marcam a nova concepção religiosa egípcia referente à vida eterna, que é o que alguns egiptólogos chamam de *democratização da imortalidade* (LOPES, 1991, p.9). Entretanto, as compilações que atualmente são chamadas de *Livro dos Mortos* foram aquelas escritas em papiros a partir da XVIII dinastia, ou seja, já no Novo Reino, e que possuem várias das fórmulas que pertenciam aos *Textos das Pirâmides* e aos *Textos dos Sarcófagos*.

Budge (1993) salienta que, além da expansão da popularidade de Osíris, os fatores econômicos também influenciaram nas transições dessas fórmulas, que das pirâmides passaram aos sarcófagos e depois aos papiros. Apenas membros da família real e da nobreza tinham condições de pagar para ter suas pirâmides, sarcófagos e esquifes preparados com essas inscrições. O rolo de papiro, por sua vez, era mais acessível a pessoas com menos recursos financeiros (BUDGE, 1993, p.24-25).

O capítulo 154: a fórmula para não deixar perecer o corpo

Notamos que desde tempos remotos os egípcios se preocupavam em elaborar fórmulas que assegurassem sua passagem para o mundo dos mortos. Com o passar dos séculos, houve alterações no modo de como os indivíduos faziam uso delas, mas os objetivos foram basicamente os mesmos.

Para analisarmos de forma mais específica o *Livro dos Mortos* selecionamos o capítulo 154, que intitula-se: *De como não deixar que pereça o corpo*, segundo a tradução de Ernest Alfred Wallis Budge e *Fórmula para não deixar perecer o corpo*, de acordo com Maria Helena Trindade Lopes. Outras fórmulas referem-se também à preocupação com a preservação do cadáver, como as de número 45 (*De como não sofrer corrupção no Mundo Inferior*) e 46 (*De como não perecer e tornar-se vivo no*

Mundo Inferior). Apesar de mais curtos, percebemos que em ambos é a Osíris que o morto recorre, pois este era o deus de corpo incorruptível, que conseguiu este benefício, segundo o mito, graças aos ritos adequados realizados por Ísis, Néftis e Anúbis. Já a fórmula 154 é mais longa e as súplicas são mais intensas. O morto pede para ser embalsamado, no intuito de que seu corpo não apodreça. A forma como tais petições se repetem nos leva a confirmar o quão importante se fazia que o cadáver permanecesse imperecível, assim como o de Osíris. Conforme trechos do capítulo:

Salve ó tu, meu pai Osíris! Eu vim cuidar de ti, de modo que tomes conta das minhas carnes que eis aqui. Eu estou completo como o meu pai Khepri, ou seja, alguém que é semelhante àquele que não perece. Vem, tu! O meu sopro leva-o, mais do que (o) teu, (ó) senhor do sopro, é mais prestigioso (que) os seus pares, e eu sou mais duradouro do que tu. Tu fizeste de mim um possuidor de sepultura, fizeste-me aceder ao país da eternidade, tal como fizeste com teu pai Atum, de modo que o seu corpo não pereça, pois é aquele que não perece. [...] Ora, todo ser humano é assim, que ele morra como não importa que quadrúpede, como não importa que pássaro, como não importa que peixe, como não importa que verme e como não importa que serpente: aqueles que vivem, morrem. Que os produtos da decomposição, produzidos pelos vermes, não venham, junto de mim, nas suas manifestações! (LOPES, 1991, p.230-231).

Osíris é representado no *Livro dos Mortos* de uma maneira que fica evidente a sua relação com a ressurreição. A morte definitiva era algo muito temido pelos antigos egípcios, desta forma, o deus tornava-se indispensável no que se refere a preservação do cadáver. O morto almejava ter um destino semelhante com o de Osíris, uma vez que, segundo o mito, este alcançou a vida eterna. A mumificação impedia o corpo de deteriorar-se, pois este seria a morada do *ka* e do *ba* do indivíduo, elementos fundamentais para a sobrevivência do falecido no Além. Essa preocupação com a preservação do corpo nos leva a perceber a importância que os egípcios davam à matéria:

Contrariamente a algumas visões religiosas e correntes filosóficas posteriores, em que há uma redução da importância da matéria em relação ao espírito, como se este adquirisse leveza ao desprender-se do “fardo do corpo”; corpo para o egípcio é sagrado porque possui a densidade da memória encarnada nele, e é esse corpo que é transportado para a eternidade. A matéria, então, assume uma importância fundamental para a cultura egípcia, na medida em que ela é a condutora e a garantia do sentido de permanência da vida após a morte (DOCTORS, 2001, p.19).

O corpo enquanto matéria deveria ser preservado, portanto, precisava também do sarcófago para isso, porque asseguraria a durabilidade do corpo. Nem todo egípcio tinha condições para ser sepultado em um sarcófago, as pessoas mais humildes continuaram a ser enterradas em simples covas no deserto. Contudo, os nobres encomendavam sua morada eterna da melhor forma possível. Os sarcófagos e os esquifes, denominados pelos egípcios como “senhor da vida” (BRANCAGLION JUNIOR, 2001, 104), tinham como função proteger a múmia para que o indivíduo pudesse desfrutar da vida eterna. São muitas vezes tidos como sinônimos, mas enquanto os primeiros são feitos em pedra (granito, basalto ou calcário) os segundos eram feitos em madeira. Quanto aos formatos, são retangulares ou antropomórficos, sendo esses últimos originados no Médio Reino. Sobre seus significados, Antônio Brancaglioni Junior ressalta:

O sarcófago antropomórfico comportava dois significados mágicos: o poder simbólico inerente a sua forma de múmia semelhante a Osíris envolta em um sudário com o rosto emoldurado por um toucado e a sua decoração com cenas e textos especificamente religiosos. Essa combinação faria do sarcófago uma armadura mágica que, em torno da múmia, realizaria os efeitos desejados (BRANCAGLIONI JUNIOR, 2001, p.105).

As decorações variam conforme a época, pois estas eram elaboradas seguindo as crenças do período. Ainda de acordo com Brancaglioni Junior, os caixões do Reino Médio possuíam olhos *udjat*⁵ que eram pintados ou esculpidos para serem usados como “porta” pelo morto, permitindo este de transitar entre o mundo dos mortos e o mundo dos vivos (BRANCAGLIONI JUNIOR, 2001, p.104). Esse foi um costume que persistiu ao longo da história egípcia. Os sarcófagos desta época eram postos sob proteção dos seguintes deuses: Shu, Tefnut, Geb e Nut, assim como dos quatro filhos de Hórus. Sobre os produzidos a partir do Novo Reino, Luís Manuel Araújo (1993) afirma:

Durante o Império Novo os temas fundamentais dos sarcófagos decorados são o renascimento perante Osíris, a passagem pelos guardiões das portas do Além e a vida do justificado no Paraíso. Já na fase final deste período tornam-se habituais as imagens do nascimento do sol, a viagem da barca solar e extractos de textos religiosos, nomeadamente capítulos do “Livro dos Mortos”. Com o Terceiro Período Intermediário surgem novas temáticas que se vão associar às antigas, ainda mantidas na decoração: os filhos de Hórus, a árvore divinizada que providencia ao defunto a água da vida, a vaca Hathor na necrópole, Osíris entronizado, a separação de Geb (a Terra) e Nut

⁵ Olho de Hórus que, segundo o mito, Seth arrancou durante uma luta entre os dois deuses.

(o Céu) interrompendo o coito cósmico, a deusa Nut alada, etc. (ARAÚJO, 1993, p.292).

Assim como o processo de mumificação, esquifes e sarcófagos possuíam um significado mítico. O sarcófago era geralmente identificado com o corpo da deusa Nut, a mãe de Osíris na cosmogonia heliopolitana. Sendo o morto identificado com Osíris, essa deusa daria a proteção simbólica necessária, uma vez que o falecido aguardava o seu renascimento:

Nut é a “Mãe Bondosa”, “Senhora da Vida” e da “Respiração”, a mãe protetora que atende às preces daquele que é duas vezes o seu filho, o morto identificado a Osíris-Rê. Em oposição à mãe terrestre, que traz o seu filho ao mundo, Nut, a mãe celeste, guardaria eternamente o corpo que lhe fora confiado, assegurando-lhe uma vida sem limite de tempo. Assim, os caixões eram uma espécie de ‘casulo’ onde uma nova vida era gerada, o que explica, na Baixa Época, o uso da palavra “ovo” (*suhet*) para designá-los. (BRANCAGLION JUNIOR, 2001, p.107).

Brancaglioni Junior ainda ressalta que Geb, o deus-terra irmão e esposo de Nut, também tinha uma importante associação com o sarcófago, pois a caixa deste era identificada com ele. “Quando a tampa descia sobre o sarcófago era como se o céu se unisse a terra” (BRANCAGLION JUNIOR, 2001, p.107). Deste modo, Geb e Nut, pais de Osíris, protegeriam o filho (no caso, o morto) da deterioração.

Desta forma, percebemos que a mumificação e os demais rituais fúnebres não eram os únicos a garantir a permanência do corpo do falecido. O ataúde também continha elementos mágicos necessários ao defunto, sendo “uma fonte geradora de transformações e de vida” (BRANCAGLION JUNIOR, 2001, p.107).

A referência que o morto faz a Osíris no capítulo 154 refere-se ao fato de que este foi o primeiro a ser embalsamado, seguindo os ritos que posteriormente todo egípcio almejava realizar. Sofrera o que todo ser vivo sofre: a morte. No entanto, alcança a imortalidade, tornando-se ainda regente do Mundo Inferior. O morto deveria ser justificado, triunfar perante seu tribunal, tendo assim a permissão do deus para viver na região da perpetuidade. Na fórmula, o defunto implora para ter seu corpo preservado, pois a corrupção deste impediria a alimentação e a respiração, necessárias também no Além. A putrefação deveria ser evitada para a existência do *ka* e do *ba* do indivíduo, permitindo a ressurreição.

No conteúdo da fórmula 154 o falecido ainda se identifica com os deuses Atum (o deus autogerado da cosmogonia heliopolitana, portanto, portador da imortalidade) e

Khepri. Este trata-se de um deus que era um símbolo solar, “a forma que o Sol assume pela manhã, como ser autoconcebido. É portanto, uma divindade solar, uma manifestação do deus Atum, uma das formas do deus Ré” (SALES, 1999, p.105). Era representado como escaravelho ou como homem com cabeça de escaravelho e a crença que ele era autogerado, assim como o Sol, se devia ao fato de que:

A mentalidade egípcia estabelecia, assim, uma directa analogia entre o coleóptero e o curso diário do Sol no firmamento. [...] Na realidade, o escaravelho-do-esterco (*scarabeus sacer*) pode ser visto empurrando uma amálgama de alimento que enterra para depois ingerir. Os egípcios concebiam esta amálgama como o ovo que o escaravelho fêmea põe numa bola do seu próprio excremento, do qual, mais tarde, emergirá vida (SALES, 1999, p.105).

Ainda conforme Sales, além de suas associações com Ré e Atum, Khepri também passou a ser relacionado à ressurreição e, portanto, ao culto osiriano, nos dando indícios do porquê o falecido se referir ao deus no capítulo 154 (SALES, 1999, p.105).

Ao analisarmos o *Livro dos Mortos*, percebemos que a imagem de Osíris é fundamental para os ritos fúnebres egípcios, pois essas práticas são carregadas de simbolismos e referem-se aos acontecimentos míticos que envolvem este deus. É importante ressaltar que os rituais não permaneceram imutáveis desde o Antigo Reino até o fim do período faraônico, pois foram sofrendo alterações conforme a própria sociedade se modificava.

Observar o que as fontes nos trazem acerca das práticas adotadas no culto funerário, assim como a maneira que Osíris é citado no *Livro dos Mortos* nos levou a questionar sobre o papel desta divindade na religiosidade egípcia. Deus dos primeiros tempos, Rei do Mundo Inferior, houve uma difusão de seu culto para as camadas populares, pois ele oferecia a vida eterna também aos mais humildes. Osíris se livrou da morte definitiva e esse era o objetivo de quem preparava um túmulo. Apesar de existirem outros deuses relacionados à esfera funerária, era a Osíris que o morto se identificava, pois este deus conheceu a morte e a ressurreição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Documentação Textual:

LOPES, Maria Helena Trindade. *O Livro dos Mortos do Antigo Egipto*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1991.

PLUTARCO. *Ísis e Osíris*. Trad. Jorge Fallorca. Lisboa: Fim de Século, 2001.

Textos de Apoio:

ARAÚJO, Luis Manuel de. *Antiguidades Egípcias*. Lisboa: Secretaria do Estado da Cultura, 1993.

_____. *Mitos e Lendas do Antigo Egito*. Lisboa: Livros e Livros, 2005.

BAINES, John. *Sociedade, moralidade e práticas religiosas*. In: SHAFER, Byron E. (Org.). *As religiões no Egito Antigo: deuses, mitos e rituais domésticos*. Trad. Luis S. Krausz. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

BARGUET, Paul. *Le livre des morts des anciens égyptiens*. Paris: Les Éditions du Cerf, 1967.

BIELESCH, Simone Maria. *Em busca de auxílio para o renascimento: estátuas funerárias de Osíris e Ptah-Sokar-Osíris*. Dissertação de Mestrado orientada pelo Professor Doutor Antônio Brancaglioni Junior. Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional, 2010.

BRANCAGLIONI JUNIOR, Antônio. *Tempo, Matéria e Permanência: O Egito na Coleção Eva Klabin Rapaport*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, Fundação Eva Klabin Rapaport, 2001.

BUDGE, Ernest Alfred Wallis. *O Livro Egípcio dos Mortos*. Trad. Octavio Mendes Cajado. 9. ed. São Paulo: Editora Pensamento, 1993.

CARDOSO, Ciro Flamarion. *Deuses, Múmias e Ziggurats: uma comparação das religiões antigas do Egito e da Mesopotâmia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

CASTEL, Elisa. *Gran Diccionario de Mitología Egípcia*. Madrid: Aldebarán, 2001.

CÉSAR, Marina Buffa. *O Escaravelho-Coração nas Práticas e Rituais Funerários do Antigo Egito*. Dissertação de Mestrado orientada pelo Professor Doutor Antônio Brancaglioni Junior. Rio de Janeiro: UFRJ, Museu Nacional, 2009.

DAVID, R. *Religião e Magia no Antigo Egito*. Trad. Angela Machado. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

DOCTORS, Marcio. *A arte como silêncio*. In: BRANCAGLIONI JUNIOR, Antônio. *Tempo, matéria e permanência: o Egito na Coleção Eva Klabin Rapaport*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, Fundação Eva Klabin Rapaport, 2001.

DONADONI, Sergio. (Org.). *O homem egípcio*. Lisboa: Editorial Presença, 1994.

GRIMAL, Nicolas. *História do Egito Antigo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

JOÃO, Maria Theresa David. *Dos Textos das Pirâmides aos Textos dos Sarcófagos: a “democratização” da imortalidade como um processo sócio-político*. Dissertação de Mestrado, orientada pelo Professor Doutor Marcelo Rede. Niterói: Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, 2008.

SALES, José das Candeias. *As divindades egípcias: uma chave para a compreensão do Egito antigo*. Lisboa: Editorial Estampa, 1999.

SILVERMAN, David P. *O Divino e as divindades no Antigo Egito*. In: SHAFER, B. E. (Org.). *As religiões no Egito Antigo: deuses, mitos e rituais domésticos*. Trad. Luis S. Krausz. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.